

ENTREVISTA / JOEL ZITO ARAÚJO, CINEASTA

'O embarreiramento parece maior que a flexibilização'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Faz tempo que o mineiro Joel Zito Araújo "caiu na real"... e de cabeça: sua obra, aclamada como um aríete audiovisual na luta antirracista, encontrou no documentário seu veio mais prolífico de ação. Neste domingo, ele completa 71 anos. A festa coincide com o aumento da popularidade do cineasta na arte de documentar. Nesse registro seu prestígio só faz crescer, como comprova a conquista do prêmio do público, na Mostra de São Paulo, que ganhou na semana passada pelo febril "Cadernos Negros".

Realizador de ficções como "Filhas do Vento" (2004) e "O Pai da Rita" (2021), Joel vem arrancando aplausos por onde passa com seu novo longa de toada documental, evocando a prosa de Carolina Maria de Jesus (1914-1977). A partir dela, ele conta a história da série literária criada em 1978 em São Paulo. É um olhar para a peleja da população negra para afirmar sua voz na arte da escrita. No papo a seguir, Joel fala das trilhas estéticas que abre ao investigar a realidade.

"Cadernos Negros" é parte de uma leva documental recente sua que fortalece sua interação com a não ficção. O que o documentário te permite de ação em sua luta decolonial e em suas batalhas antirracistas?

Joel Zito Araújo - Creio que meu filme "Meu Amigo Fela" (2019) e a série "PCC: O Poder Secreto", de 2022, consolidaram a minha carreira como documentarista, pois desde então tenho recebido vários convites para projetos. E tenho topado todos aqueles que se encaixam no desejo que carrego desde "A Negação do Brasil", de auxiliar na construção de uma espécie de cartografia audiovisual do negro. E neste momento estou montando uma nova série: "Encontros com o novo cinema brasileiro". Ela apresenta a geração que veio depois da minha, revelando suas concepções e contribuições para o cinema brasileiro. E suas diferenças de mim mesmo. Todos esses trabalhos documentais têm um campo de



Divulgação

ação decolonial e antirracista muito evidente. Me sinto pleno por fazê-los e por crer que estou contribuindo para um novo olhar sobre o nosso país.

De que maneira parcerias com emissoras de TV e plataformas de streaming ampliam o alcance do formato documental?

Acho que o cinema documental não teria o nível e a quantidade de produções que tem hoje no Brasil se não houvesse o grande interesse das emissoras e das plataformas de streaming pelo formato, e se nós, os produtores e realizadores brasileiros, não tivéssemos alcançados a qualidade que alcançamos. E, para isso, a Ancine e a criação do FSA tiveram uma contribuição também fundamental.

Que novos projetos ocupam sua mente e que abordagem trazem para a representação das populações pretas? Na ficção,

como anda seu olhar?

Sinto que ainda não tive a chance de enriquecer minha linguagem e contar as histórias que gostaria no campo ficcional. Até o momento, fiz meia dezena de curtas e apenas dois longas ficcionais. Essa produção não representa falta de projetos e nem falta de talento de minha parte. Creio que os importantes prêmios que obtive com "Filhas do Vento", e o reconhecimento crítico de "O Pai da Rita", atestam isso. Mas levantar recursos mais vultosos que as ficções demandam no tipo de projeto que carrego ainda é uma barreira para mim. No momento, tenho pronto nas mãos o primeiro tratamento de dois novos roteiros ficcionais. Um é uma adaptação de uma peça teatral de Dani Balbi, "Mãe Preta Reincidente". O outro é a pouco conhecida história de amor de um triângulo fundamental na cultura brasileira: Ruth de Souza, Léa Garcia e Abdias do Nascimento, que tem o título

provisório de "3 histórias de amor e mágoas". Essas são as minhas meninas dos olhos, no campo ficcional. Mas ainda estou buscando captar recursos financeiros para viabilizá-las. Estou com muita vontade de me dedicar mais à ficção, mas sem abandonar os projetos documentais.

O que mudou no cinema e na TV com as batalhas raciais travadas sobretudo a partir do avanço conservador pós-golpe? De que maneira a política do Planalto e as políticas antirracistas convergem?

Acho que o pré-golpe buscou embarreirar a produção de cinema no Brasil por motivos evidentes, pensar o país criticamente foi visto como subversão, voltando ao pensamento retrógrado do período da ditadura. E o pós-golpe ainda não conseguiu quebrar esse clima que paralisou recursos financeiros importantes. As forças pré-golpe ainda continuam fortes entre nós. É evidente que a produção cultural que pensa o país é um fator que ajuda a derrotar o obscurantismo da extrema direita. Mas me chama a atenção que o embarreiramento parece maior que a flexibilização. Mas, apesar disso, muita coisa mudou. Creio que a classe artística, a intelectualidade progressista, e os produtores audiovisuais, têm finalmente uma nova consciência em termos da compreensão do país com mais complexidade em termos de diversidade humana e das demandas históricas das populações negras e indígenas.

O longa "A Negação do Brasil", que te catapultou para o estrelato, já soma 25 anos. Que estrada você percorreu desde então?

Acho que todas as minhas obras ajudam a pensar o Brasil e o mundo em termos de diversidade racial e humana. Ajudam também a ressaltar a contribuição civilizatória da população negra. Gosto de ver bobagens nas telas do cinema e da TV... um bom filme de ação, uma boa ficção científica... mas esse não é o meu lugar como criador. Ainda sonho que o cinema e outras formas de produção audiovisual podem ajudar a fazer desse nosso planeta um lugar melhor para se viver.